

galeria

nara roesler

# Art | Basel Hong Kong

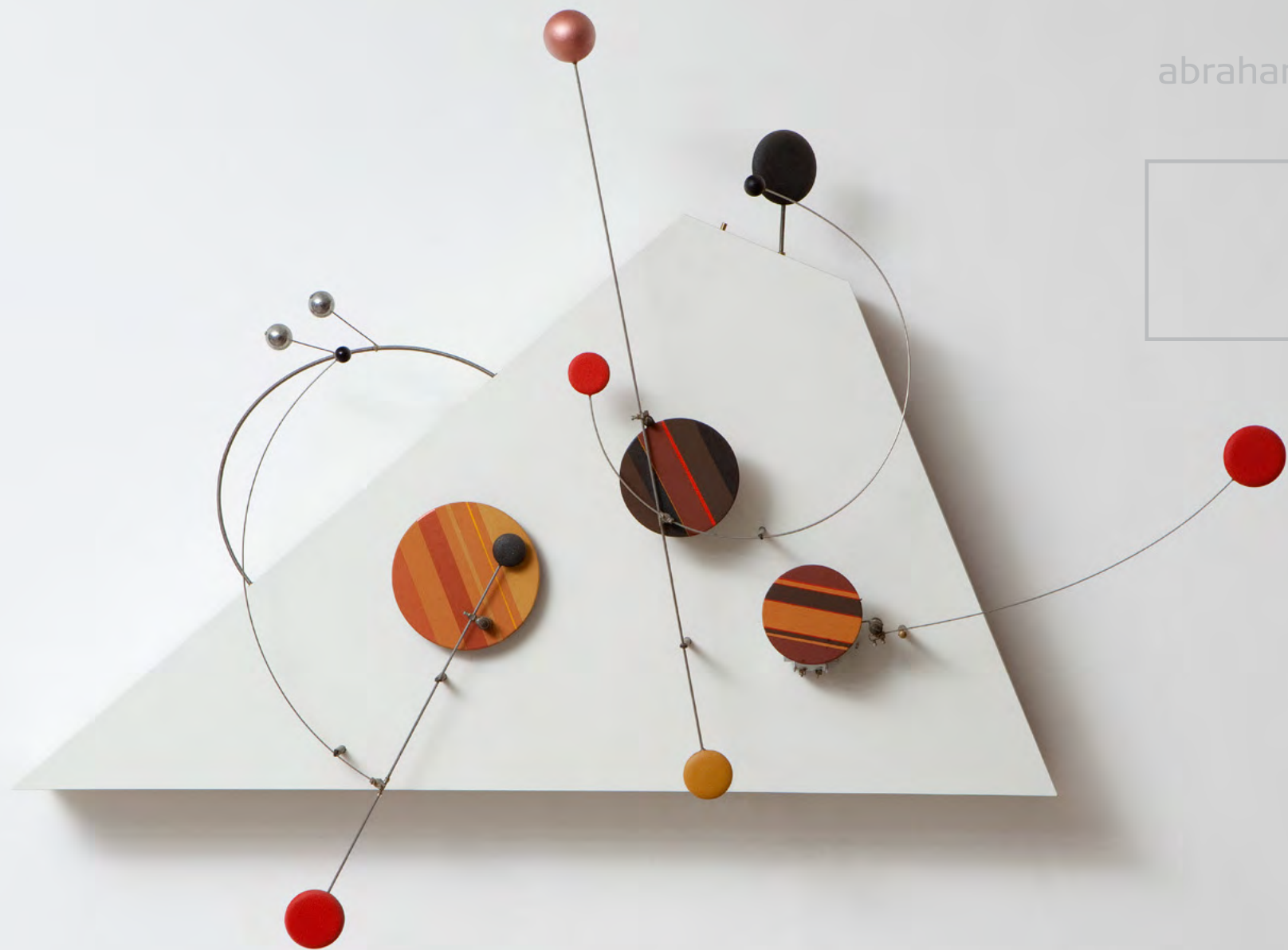
stand / booth 3c31

artistas na feira / artists at the fair

abraham palatnik  
alberto baraya  
antonio dias  
artur lescher  
cristina canale  
eduardo coimbra  
isaac julien  
josé patrício  
julio le parc  
marcelo silveira  
marco maggi  
marcos chaves  
oscar oiwa  
vik muniz

[www.nararoesler.com.br](http://www.nararoesler.com.br)





abraham palatnik

*Objeto cinético K-06* 1966 -- madeira, fórmica, ímãs, metal, motor e tinta industrial / wood, formica, magnets, motor, and industrial paint -- 72 x 96 x 16 cm



W-427 2012 -- acrílica sobre madeira / acrylic on wood -- 110 x 170 cm

Abraham Palatnik é um dos pioneiros no emprego da tecnologia nas artes visuais em âmbito mundial, ao lado de nomes como Malina, Schöefer e Healey – artistas cujas investigações experimentais na arte cinética levaram a uma nova compreensão do fenômeno visual na arte. O desenvolvimento do trabalho de Palatnik, contudo, é singular, por envolver uma cisão de consequências inesperadas, embora muito coerentemente trilhadas ao longo de mais de seis décadas.

Seu primeiro aparelho cinecromático, Azul e roxo em primeiro movimento, exerceu profundo impacto no debate sobre os suportes da arte no júri de seleção da 1ª Bienal de São Paulo, em 1951. “A verdadeira arte do futuro”, como Mário Pedrosa enfatizou à época, era fruto de uma ruptura que aconteceu em relação à produção de Palatnik em pintura desde o final da década de 1950, graças ao contato que travara o artista com Pedrosa e com o Hospital Psiquiátrico D. Pedro II, onde se impressionou decisivamente com a potência da linguagem de trabalhos produzidos por internos. Desde então, o artista passou a investigar as possibilidades artísticas de uma nova técnica, baseada no uso de luz e movimento no tempo-espaço pictórico, com auxílio das últimas tecnologias.

Palatnik nasceu em 1928, em Natal. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Participou de oito edições da Bienal de São Paulo, Brasil (entre 1951 e 1969), além da 32ª Bienal de Veneza, Itália (1964), ao lado de Mavignier, Volpi e Weissmann, entre outros. Entre suas exposições coletivas mais importantes estão *Arte construtiva no Brasil – Coleção Adolpho Leirner*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro (1998), e 1ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1997). Suas individuais recentes incluem: *Abraham Palatnik*, na Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2012); *Palatnik: une discipline du chaos*, na Galerie Denise René, Paris, França (2012); *Ocupação Abraham Palatnik*, no Instituto Itaú Cultural (2009) e *Ordenando as nuvens* (2004-05), na Galeria Nara Roesler, ambas em São Paulo, Brasil. Suas obras integram acervos de instituições como: Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte Contemporânea de Niterói; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea da USP; Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, todos no Brasil; Museum of Modern Art de Nova York, Estados Unidos; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Argentina; Royal Museum of Fine Arts, em Bruxelas, Bélgica, entre outras.

Abraham Palatnik is one of the pioneers in using technology in visual arts worldwide, alongside names such as Malina, Schöefer, and Healey—artists whose experimental investigations in kinetic art led to a novel understanding of the visual phenomenon in art. The development of Palatnik’s work, however, is unparalleled because it involves a schism of unexpected consequences, although they have been coherently followed along for more than six decades.

His first cinechromatic machine, Azul e roxo em primeiro movimento, had a profound impact on the discussion of art materials by the selection jury of the 1st Bienal de São Paulo, in 1951. “The true art of the future,” as Mário Pedrosa put it at the time, was the result of a departure from Palatnik’s painting production since the late 1950s, as a consequence of the artist’s coming in touch with Pedrosa and the D. Pedro I Psychiatric Hospital, where he was decisively impressed by the potency of the language used in works produced by inpatients. From then on, the artist set out to investigate the artistic possibilities of a new technique, based on the use of light and movement in the pictorial time-space, with the aid of the latest technologies.

Palatnik was born in 1928 in Natal. He lives and works in Rio de Janeiro. He featured in eight editions of the Bienal de São Paulo, Brazil (between 1951 and 1969), and in the 32nd Venice Biennale (1964), alongside Mavignier, Volpi, and Weissmann, among others. His main group shows include *Arte construtiva no Brasil – Coleção Adolpho Leirner*, at the Museu de Arte Moderna de São Paulo and at the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1998), and the 1st Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1997). Recent solo shows include: *Abraham Palatnik*, at Galeria Nara Roesler, in São Paulo, Brazil (2012); *Palatnik: une discipline du chaos*, at Galerie Denise René in Paris, France (2012); *Ocupação Abraham Palatnik*, at the Instituto Itaú Cultural (2009) and *Ordenando as nuvens* (2004–05), at Galeria Nara Roesler, both in São Paulo, Brazil. His works are included in the collections of the Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte Contemporânea de Niterói; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea da USP; Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, all in Brazil; Museum of Modern Art in New York, United States; Museo de Arte Latinoamericano in Buenos Aires, Argentina; Royal Museum of Fine Arts, in Brussels, Belgium, among others.



alberto baraya

Herbario de plantas artificiales, lucky cabbage 2012 -- objeto encontrado, resina de poliéster / found object, polyester resin -- 20 x 15 x 10 cm



Outros de flores e frutos artificiais. 1940. com o nome de flores  
brancas, mas feitas com seda e plástico, 7.000. Alemanha



Lotus 1970. 1970. Alemanha  
1970. 1970. Alemanha  
1970. 1970. Alemanha



Herbario de plantas artificiales, Loto 2012  
fios de seda e plástico, desenho e fotografia /  
silk threads and plastic, drawing and photograph  
120 x 80 x 5 cm



EJEMPLAR HERBARIO  
RECOLECTOR a barages  
LUGAR Shanghai  
FECHA sept 2012

Falsa tipo "Bonsai" - conifero, Mercado Flores  
Bonsai fake one - Flower Market, Changming Rd. Labukangda Rd.  
人为的盆景(花) 弗苏尔斯 市场 - 长宁路 x 万航渡路



Herbario de plantas artificiales, Pasto - Mao 2012  
fios de seda e plástico, desenho e fotografia /  
silk threads and plastic, drawing and photograph  
80 x 60 x 5 cm

*Herbario de plantas artificiales,*  
*Loto Elefante 2012*  
 fios de seda e plástico, desenho e fotografia /  
 silk threads and plastic, drawing and photograph  
 80 x 60 x 5 cm





*Herbario de plantas artificiales,  
Ave del Paraiso - Hotel 2012*  
fios de seda e plástico, desenho e fotografia /  
silk threads and plastic, drawing and photograph  
120 x 80 x 5 cm



Em atividade desde os anos 1990, Alberto Baraya utiliza a fotografia, o vídeo, a escultura, o objeto e o desenho como linguagens de sua obra, de pronunciado viés crítico.

Marcaram o início de sua produção autorretratos irônicos, que utilizam reproduções de pinturas emblemáticas ou criam encenações provocadoras. Mais tarde, em 2003, Baraya lida com a dualidade entre natureza e artifício em sua até então mais conhecida série, *Herbário de plantas artificiais*, exibida inicialmente no Museu de Arte Moderna de Bogotá. O trabalho é fortemente representativo de questões que o inquietam: ao lado de um evidente teor político, há na série um questionamento da racionalidade científica. Isso é ressaltado pela sugestão de novas taxonomias, agregando componentes subjetivos, discutindo identidades e incorporando produtos “residuais” do mercado, como as plantas artificiais. O colecionismo das antigas missões científicas, ali, ganha uma roupagem contemporânea, profundamente crítica.

Alberto Baraya nasceu em 1968 em Bogotá, Colômbia, onde vive e trabalha. Participou de bienais como a 9ª Bienal de Xangai, China (2012); Bienal de Cuenca, Equador (2011); a 53ª Bienal de Veneza, Itália (2009); a 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006); a 1ª Bienal de Medellín, Colômbia (1997); a Bienal do Caribe, em Santo Domingo, República Dominicana (2003); e a 4ª Bienal de Bogotá, Colômbia (1994). Teve suas obras expostas internacionalmente em exposições individuais, como *Expedition Bogotá-Indianapolis* (com Danielle Riede), no Indianapolis Museum of Contemporary Art, Estados Unidos (2011) e *Herbario de plantas artificiales*, no Museum of Art La Tertúlia, Cali, Colômbia (2004). Participou de importantes exposições coletivas como *Botánica: After Humboldt*, no Centro de Arte y Naturaleza, em Huesca, Espanha, e *Play with Me*, no MOLAA, em Long Beach, Estados Unidos (ambas em 2012); *Everything Has a Name, or the Potential to Be Named*, Gasworks, Londres, Reino Unido (2009); *Paraísos Indómitos*, no Museum of Contemporary Art, em Vigo, México (2008); *Traces of Friday*, no Institute of Contemporary Art em Filadélfia, Estados Unidos. Suas obras podem ser encontradas em coleções públicas, como as do Tamarind Institute, Albuquerque e da United States Information Agency, ambas nos Estados Unidos; do Banco de la República, Luis Ángel Arango Library e do Museo de Arte Universidad Nacional de Colombia, ambos em Bogotá, Colômbia; e de IJUVE, Madrid, Espanha.

Active since the 1990s, Alberto Baraya uses photography, video, sculpture, objects, and drawing as the languages of his deeply critical work.

His early production is marked by ironic self-portraits which either use reproductions of emblematic paintings or create provocative enactments. Later on, in 2003, Baraya deals with the duality between nature and artifice in his best-known series to date, *Herbário de plantas artificiais*, first shown at the Museum of Modern Art of Bogotá. The work is highly representative of themes which make him restless: aside from its evident political tinge, the series question scientific rationality. That is highlighted by his suggestions of new taxonomies, as he adds subjective components, discusses identities, and incorporates “residual” products of the market such as artificial plants. The collectionism of old scientific missions gets a contemporary, deeply critical reworking.

Alberto Baraya was born in 1968 in Bogotá, Colombia, where he lives and works. He featured in biennials such as the 9th Shanghai Biennial, PRC (2012); Biennial of Cuenca, Ecuador (2011); the 53rd Venice Biennale (2009); the 27th Bienal de São Paulo, Brazil (2006); the 1st Biennial of Medellín, Colombia (1997); the Biennial of the Caribbean in Santo Domingo, Dominican Republic (2003); and the 4th Biennial of Bogotá, Colombia (1994). His works have featured in international solo shows such as *Expedition Bogotá-Indianapolis* (with Danielle Riede), at the Indianapolis Museum of Contemporary Art, United States (2011) and *Herbario de plantas artificiales*, at the Museum of Art La Tertúlia, Cali, Colombia (2004). He has participated in important collective shows such as *Botánica: After Humboldt*, at the Centro de Arte y Naturaleza, in Huesca, Spain, and *Play With Me*, at the MOLAA in Long Beach, United States (both in 2012); *Everything Has a Name, or the Potential to Be Named*, Gasworks, London, United Kingdom (2009); *Paraísos Indómitos* (Untamed Paradises), at the Museum of Contemporary Art in Vigo, Mexico (2008); and *Traces of Friday*, at the Institute of Contemporary Art in Philadelphia, United States. His works can be found in the public collections of the Tamarind Institute, Albuquerque, and the United States Information Agency, both in the United States; Banco de la República, Luis Ángel Arango Library and the Museo de Arte Universidad Nacional de Colombia, both in Bogotá, Colombia; and IJUVE, Madrid, Spain.



*A Ilustração da Arte / The Illustration of Art, 1977*  
papel feito a mão / handmade paper  
115 x 240 cm

antonio dias



*Circuito / Circuit*, 1992 -- grafite e folha de cobre sobre tela / graphite and copper leaf on canvas -- 90 x 120 cm

Com um trabalho que transita pela pintura, instalação, fotografia, livro de artista, vídeo e outras técnicas, Antonio Dias é descrito pelo crítico e curador Paulo Herkenhoff como “o nexo principal entre os neoconcretos e os artistas dos anos 1970: entre Hélio Oiticica e Cildo Meireles, Lygia Clark e Tunga, os não objetos e Waltercio Caldas, não se distanciando de Ivens Machado e Iole de Freitas, ou mesmo dos que atuavam nos anos 1960 ao lado de Cildo, como Barrio, Raimundo Colares e Antonio Manuel. Dias tempera a presença da palavra entre a arte conceitual e a tradição da poesia concreta”.

O paraibano Antonio Dias começa seu envolvimento com o universo artístico logo ao se radicar no Rio, no fim da década de 1950, quando tem aulas de gravura com Oswaldo Goeldi (1895-1961). O ano de 1966 marca a criação com maior vigor de trabalhos de cunho conceitual, como a série *The Illustration of Art*. Depois, realiza peças que se apresentam como autorretratos, como *The Art of Transference* (1972) e *A Fly in My Movie* (1974-76). A participação do público em sua obra é, por vezes, intensamente requerida, como na instalação *Faça você mesmo: território liberdade*, de 1968 (presente na 29ª Bienal de São Paulo, 2010).

Antonio Dias nasceu em Campina Grande, Paraíba, em 1944, e vive e trabalha entre Rio de Janeiro e Milão. Participou da Bienal de São Paulo, Brasil, nas edições de 1981, 1994, 1998 e 2010, da Trienal Poli/Gráfica de San Juan, Porto Rico (2012); 12ª Bienal de Istambul, em Istambul, Turquia (2011). Entre as exposições coletivas recentes de que participou estão: *Order, chaos and the space between*, no Phoenix Art Museum, em Phoenix, Estados Unidos (2013); *Open Work, between Latin America and New York circa 1970*, no Hunter College, em Nova York, Estados Unidos (2013); *Circuitos cruzados: O Centre Pompidou encontra o MAM*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil (2013); *Aberto Fechado: caixa e livro na arte brasileira*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil (2012); *Pop, realismos, y politica*, na Fundación Proa, em Buenos Aires, Argentina (2012); *Río Experimental – Más allá del Arte, el Poema y la Acción*, na Fundación Botín-Villa Iris, em Santander, Espanha (2010); *After Utopia, no Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci*, em Prato, Itália (2009); e *Face to Face – Part 2, The Daros Collections – Daros Exhibitions*, Zurique, Suíça (2008). Suas recentes mostras individuais incluem: *In Conversation: Hans-Michael Herzog and Antonio Dias*, no Museum of Fine Arts, em Houston, Estados Unidos (2012); *Anywhere Is My Land*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2010) e *Antonio Dias*, na Galeria Nara Roesler (2010). Possui obras em coleções públicas internacionais como: Museu de Arte Moderna de Nova York, EUA, Ludwig Museum em Colônia, Alemanha, Coleção Daros em Zurique, Suíça, Stadtische Galerie im Lenbachhaus em Milão, Itália, Centro Studi e Archivio della Comunicazione, Università de Parma, Itália, e coleções nacionais como Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu de Arte Contemporânea do Paraná em Curitiba, Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Itaú Cultural em São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte Contemporânea da USP em São Paulo, Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães em Recife, Museu de Arte Contemporânea, Coleção Sattamini, Niterói e Museu de Arte Assis Chateaubriand, Campina Grande.

With productions that straddle the boundaries of painting, installation, photography, artist book, video, and other techniques, Antonio Dias is described by the critic and curator Paulo Herkenhoff as “the main link between the neo-concretists and the artists of the 1970s: between Hélio Oiticica and Cildo Meireles, Lygia Clark and Tunga, the non-objects and Waltercio Caldas, and not far from Ivens Machado and Iole de Freitas, or even those who worked alongside Meireles in the 1960s, such as Barrio, Raimundo Colares, and Antonio Manuel. Dias spices up the presence of the word, in-between conceptual art and the tradition of concrete poetry.”

A native of Paraíba State, Antonio Dias first became involved in the artistic universe as soon as he settled in Rio de Janeiro, in the late 1950s, when he studied engraving under Oswaldo Goeldi (1895-1961). The year 1966 saw a stronger trend of conceptual artwork, such as *The Illustration of Art* series. Later on, he created pieces which were presented as self-portraits, such as *The Art of Transference* (1972) and *A Fly in My Movie* (1974-76). In his work, audience participation is at times intensely called for, as in the 1968 installation *Faça você mesmo: território liberdade*, featured in the 29th Bienal de São Paulo, in 2010.

Antonio Dias was born in 1944 in Campina Grande, Paraíba, and lives and works between Rio de Janeiro and Milan. He participated in the Bienal de São Paulo in 1981, 1994, 1998, and 2010, the San Juan Poly/Graphic Triennial, Puerto Rico (2012); and the 12th Istanbul Biennial, in Turkey (2011). Recent group shows include: *Order, chaos and the space between*, at the Phoenix Art Museum, in Phoenix, United States (2013); *Open Work, between Latin America and New York circa 1970*, at Hunter College, in New York, United States (2013); *Circuitos Cruzados: O Centre Pompidou encontra o MAM*, at Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brazil (2013); *Aberto Fechado: caixa e livro na Arte Brasileira*, at Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brazil (2012); *Pop, realismos y política*, at Fundación Proa, in Buenos Aires, Argentina (2012); *Río Experimental – Más allá del Arte, el Poema y la Acción*, at the Fundación Botín-Villa Iris, in Santander, Spain (2010); *After Utopia*, at the Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, in Prato, Italy (2009); and *Face to Face – Part 2, The Daros Collections – Daros Exhibitions*, Zurich, Switzerland (2008). Recent solo shows include: *In Conversation: Hans-Michael Herzog and Antonio Dias*, at the Museum of Fine Arts in Houston, United States (2012); *Anywhere Is My Land*, at the Pinacoteca do Estado de São Paulo (2010), and *Antonio Dias*, at Galeria Nara Roesler (2010), all in São Paulo, Brazil. His works can be found in important international collections such as: Museum of Modern Art in New York, USA, Ludwig Museum in Cologne, Germany, Daros Collection in Zurich, Switzerland, Stadtische Galerie im Lenbachhaus in Munich, Germany, Museo de Arte Latinoamericano in Buenos Aires, Argentina, Fondazione Marconi in Milano, Italy, and Centro Studi e Archivio della Comunicazione, Università di Parma in Italy and renowned national collections which include: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu de Arte Contemporânea do Paraná in Curitiba, Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Itaú Cultural in São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte Contemporânea da USP in São Paulo, Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães in Recife, Museu de Arte Contemporânea, Coleção Sattamini, Niterói, and Museu de Arte Assis Chateaubriand, Campina Grande.



artur lescher

*Ou ou*, 2013  
latão / brass  
220 x 12 cm



*Sem título, da série Dardo / Untitled, from the Dart series, 2012 -- latão / brass -- 25 cm*

O paulistano Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. São trabalhos que excedem o caráter de esculturas, cruzam as linguagens da instalação e do objeto para modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem.

Lescher obteve reconhecimento em âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste em dois balões de onze metros de comprimento, um dentro do pavilhão da mostra e o outro colocado na área externa, em diálogo. Em 2002, para a 25ª Bienal de São Paulo, cria *Indoor Landscape*, dois módulos de formas regulares instalados no chão, um de madeira e o outro constituído de lona e água, que criam um espaço de atrito no interior do edifício projetado por Oscar Niemeyer. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade. Ou “a inquietude”, como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a “suas peças, que contrariam a aparência exata e limpa”.

Nascido em São Paulo em 1962, Artur Lescher participou da Bienal de São Paulo, nas edições de 1987 e 2002, e da Bienal do Mercosul, Porto Alegre, em 2005, todas no Brasil. Participações em exposições coletivas recentes incluem: *Paisagem Incompleta*, no Centro Cultural da Usiminas, em Ipatinga, Brasil (2010); e *Memorial Revisitado – 20 anos*, no Memorial da América Latina (2009); *Quase Líquido*, no Itaú Cultural (2008); e *80/90 Modernos Pós-Modernos etc.*, no Instituto Tomie Ohtake (2007), todas em São Paulo, Brasil. Algumas de suas últimas exposições individuais incluem: *Inabsência*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil (2012); *Rio Corrente*, na Alejandra Von Hartz Gallery, em Miami, EUA (2012); *Meta-métrico*, na Galeria OMR, Colonia Roma, México (2011); e *Rio Máquina*, na Galeria Nara Roesler, em São Paulo, Brasil. Tem obras em importantes coleções públicas como as da Pinacoteca do Estado de São Paulo e MAM-SP, ambas em São Paulo, Brasil; MALBA, Buenos Aires, Argentina; Houston Museum of Fine Arts e Philadelphia Museum of Art, ambos nos Estados Unidos.

The São Paulo-born Artur Lescher stands out in the contemporary Brazilian art scene with his three-dimensional work. His pieces transcend their sculptural character, crossbreeding the boundaries of installations and objects to modify the understanding of these categories and the space in which they insert themselves.

Lescher gained nationwide recognition after participating in the 19th Bienal de São Paulo, in 1987, in which he presented *Aerólitos*, a work consisting of two 11-meter-long balloons, one in the biennial pavilion and the other in an external area, which converse with one another. In 2002, he created *Indoor Landscape* for the 25th Bienal de São Paulo, comprising two regular-shaped modules set on the floor, one made of wood and the other made of tarpaulin and water, which create a space of attrition inside the building designed by Oscar Niemeyer. By juxtaposing solid geometrical structures and materials with characteristics of impermanence or changeability, such as water, olive oil, and salt, Lescher emphasizes imponderability. Or “the restlessness,” as the critic and curator Agnaldo Farias remarked in relation to “his pieces, which oppose an exact, clean appearance.”

Born in 1962 in São Paulo, Artur Lescher participated in the 1987 and 2002 editions of the Bienal de São Paulo and in the 2005 Mercosul Biennial, in Porto Alegre, all in Brazil. Recent group shows include: *Paisagem Incompleta*, at the Centro Cultural Usiminas, in Ipatinga, Brazil (2010); and *Memorial Revisitado – 20 anos*, at the Memorial da América Latina (2009); *Quase Líquido*, at Itaú Cultural (2008); and *80/90 Modernos Pós-Modernos etc.*, at the Instituto Tomie Ohtake (2007), all in São Paulo, Brazil. Some of his recent solo shows include: *Inabsência*, at Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brazil (2012); *Rio Corrente*, at Alejandra Von Hartz Gallery, in Miami, USA (2012); *Meta-métrico*, at the Galeria OMR, in Colonia Roma, Mexico (2011); and *Rio Máquina*, at Galeria Nara Roesler, in São Paulo, Brazil. His works are included in major public collections such as those of the Pinacoteca do Estado de São Paulo and MAM-SP, both in São Paulo, Brazil; MALBA, in Buenos Aires, Argentina; Houston Museum of Fine Arts, and Philadelphia Museum of Art, both in the United States





cristina canale

*Camisa Estampada / Printed Shirt, 2012*  
técnica mista sobre tela / mixed media on canvas  
165 x 140 cm

A pintura de Cristina Canale revela traços bastante singulares, notadamente a maneira como os elementos figurativos da composição estão sempre na iminência de se diluírem em pura abstração. Suas paisagens parecem retratar um mundo fluido, em que uns poucos elementos reconhecíveis surgem por entre campos de cor que se justapõem – e de maneira harmônica, não obstante a ampla variedade de cores que emprega.

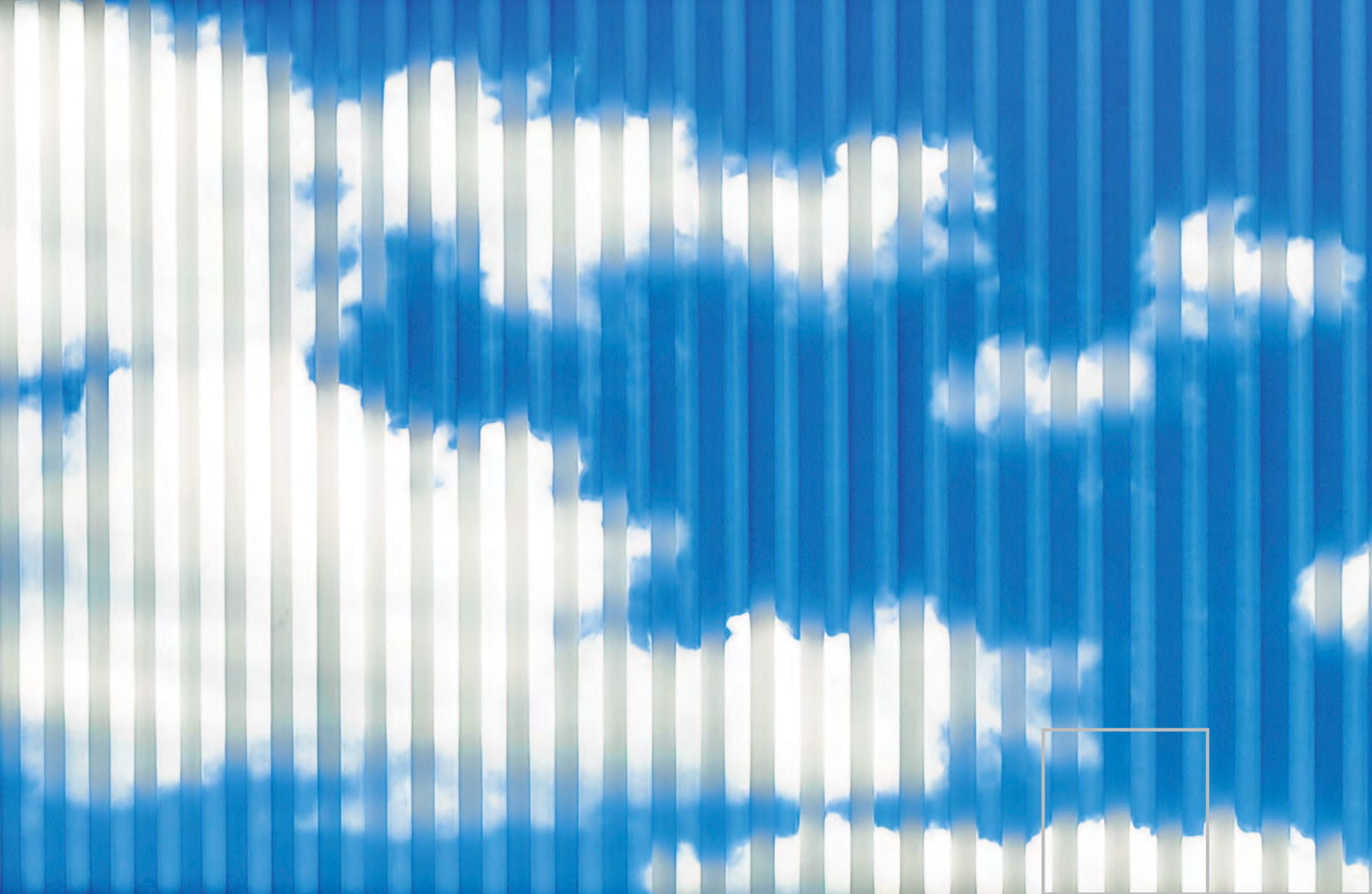
Com suas massas cromáticas e densa materialidade, a obra de Cristina Canale responde, a sua maneira, aos intensos debates que embasam a pintura alemã do final do século XX, e, de maneira mais geral, está sintonizada com as problemáticas da produção contemporânea para além da pintura. Para o curador Tiago Mesquita, a produção de Canale contrapõe-se à busca pelas estruturas de constituição da imagem por parte de artistas como Gerhard Richter e Robert Ryman, porque aborda “a imagem e os gêneros consagrados da pintura de forma subjetiva, acreditando em uma experiência singular”.

Canale é carioca nascida em 1961. Reside e produz em Berlim. Integrou mostras coletivas como a 21ª Bienal de São Paulo (1991); a 6ª Bienal de Curitiba (2011); e *Dentro do Traço, Mesmo*, na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre (2009), todas no Brasil; *Positionen*, na Galerie Noah, Augsburg, Alemanha (2008); e *Da Visualidade ao Conceito*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2007). Exposições individuais incluem: *Sem palavras*, na Galeria Nara Roesler, São Paulo (2011); *Cristina Canale – Arredores e Rastros*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2010); e *Contos*, na Galeria Silvia Cintra, Rio de Janeiro (2009), todas no Brasil. Instituições brasileiras como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, entre outras, possuem obras suas.

The paintings of Cristina Canale boast very unique features, particularly the way figurative elements in the compositions are always on the verge of diluting into pure abstraction. Her landscapes seem to portray a fluid world in which a few recognizable elements arise from amidst fields of color which juxtapose—and they do so harmonically, the wide variety of colors employed notwithstanding.

With its chromatic masses and dense materiality, the work of Cristina Canale responds, in its own way, to the intense debates which underlie late-20th-century German painting, and along more general lines, it is attuned to the problematics of contemporary production in painting and beyond. To the curator Tiago Mesquita, Canale’s production opposes the quest for the image constitution structures which artists such as Gerhard Richter and Robert Ryman engage in, because it tackles “image and the established genres of painting in subjective fashion, with a belief in a unique experience.”

Canale was born in Rio de Janeiro in 1961. She lives and works in Berlin. She featured in collective shows such as the 21st Bienal de São Paulo (1991); the 6th Bienal de Curitiba (2011); and *Dentro do Traço, Mesmo*, at the Fundação Iberê Camargo, in Porto Alegre (2009), all in Brazil; *Positionen*, at the Galerie Noah in Augsburg, Germany (2008); and *Da Visualidade ao Conceito*, at the Instituto Tomie Ohtake in São Paulo, Brazil (2007). Solo shows include: *Sem palavras*, at Galeria Nara Roesler, in São Paulo (2011); *Cristina Canale – Arredores e Rastros*, at the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2010); and *Contos*, at Galeria Silvia Cintra, in Rio de Janeiro (2009), all in Brazil. Her works are owned by institutions such as the Pinacoteca do Estado de São Paulo, the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, and the Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, among others.



*Luz Natural / Natural Light, 2012*  
35 lâmpadas fluorescentes, acrílico, impr. fotográfica sobre duratrans /  
35 fluorescent lamps, acrylic, photographic printing on Duratrans  
120 x 282 x 7 cm  
detalhe / detail

eduardo coimbra

Os desenhos, pinturas, maquetes e objetos de Eduardo Coimbra apontam para um pronunciado interesse pela paisagem e pelas questões de percepção espacial, bem como as infinitas ramificações que essa reflexão pressupõe – em especial, a inadequação entre aparência e realidade, e o lugar da produção contemporânea na história de um gênero iconográfico clássico.

Eduardo Coimbra iniciou sua carreira no começo dos anos 1990, com trabalhos em que objetos familiares eram reinventados através do uso de pequenos motores, luminosos e mecanismos elétricos. Ao longo dos anos, o foco da ação do artista tem se deslocado gradualmente para trabalhos em grande escala, culminando com a realização de importantes instalações públicas. Para além desses comissionamentos, cabe notar que até uma produção mais intimista, como a da grande série de maquetes realizadas a partir de 1999 ou as fotografias/colagens em que ilhas aparecem flutuando no céu, num cenário quase onírico (série *Asteroides*), sugerem o interesse pela grandiosidade e pelo diálogo real com a presença humana.

Eduardo Coimbra nasceu em 1955, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou da 29ª Bienal de São Paulo (2010) e da 3ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2001), ambas no Brasil. Exposições coletivas recentes incluem: *Espelho Refletido*, no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Brasil (2012); *Höhenrausch 2*, no Offenes Kulturhaus Oberösterreich, em Linz, Áustria (2011); *Lugar Algum*, no SESC Pinheiros, São Paulo, Brasil (2010); e *After Utopia*, no Centro per l'arte contemporanea Luigi Pecci, em Prato, Itália. Algumas de suas mostras individuais recentes são: *Projeto Nuvem*, Hybrid Art Project, em Moscou na Rússia (2013) e Arte na Cidade, em São Paulo (2012); *Museu Observatório*, no Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte (2011); e *Natureza da Paisagem*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2007), todas no Brasil

The drawings, paintings, scale models, and objects by Eduardo Coimbra show a keen interest in landscape and spatial perception issues, and the endless ramifications that these entail—specially the discrepancy between appearance and reality, and the place of contemporary production within the history of a classical iconographic genre.

Eduardo Coimbra started his career in the early 1990s with works in which familiar objects were reinvented through the use of small engines, lighting fixtures, and electrical mechanisms. Over the years, the artist has gradually shifted focus to large-scale works, culminating with the creation of important public installations. Aside from these commissioned works, it is worth noting that even his more intimate productions, such as a large series of scale models made from 1999 onwards or the photographs/collages of islands afloat in the sky in quasi-dreamlike settings (*Asteroides* series), hint at his interest in grandeur and true dialogue with the human presence.

Eduardo Coimbra was born in 1955 in Rio de Janeiro, where he lives and works. He featured in the 29th Bienal de São Paulo (2010) and the 3rd Mercosul Biennial, in Porto Alegre (2001), both in Brazil. Recent group shows include: *Espelho Refletido*, at the Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, in Rio de Janeiro, Brazil (2012); *Höhenrausch 2*, at the Offenes Kulturhaus Oberösterreich, in Linz, Austria (2011); *Lugar Algum*, at SESC Pinheiros, in São Paulo, Brazil (2010); and *After Utopia*, at the Centro per l'arte contemporanea Luigi Pecci in Prato, Italy. Recent solo shows include: *Projeto Nuvem*, Hybrid Art Project, in Moscow, Russia (2013) and Arte na Cidade, in São Paulo (2012); *Museu observatório*, at the Museu de Arte da Pampulha, in Belo Horizonte (2011); and *Natureza da Paisagem*, at the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (2007), all in Brazil.



isaac julien

Isaac Julien é um artista e cineasta britânico, cujo trabalho incorpora diferentes disciplinas artísticas, partindo ou utilizando-se de cinema, dança, fotografia, música, teatro, pintura e escultura, combinadas para criar uma linguagem poético-visual única em suas instalações audiovisuais. Seu filme *Young Soul Rebels* (1991) ganhou o prêmio *Semaine de la Critique* no Festival de Cannes.

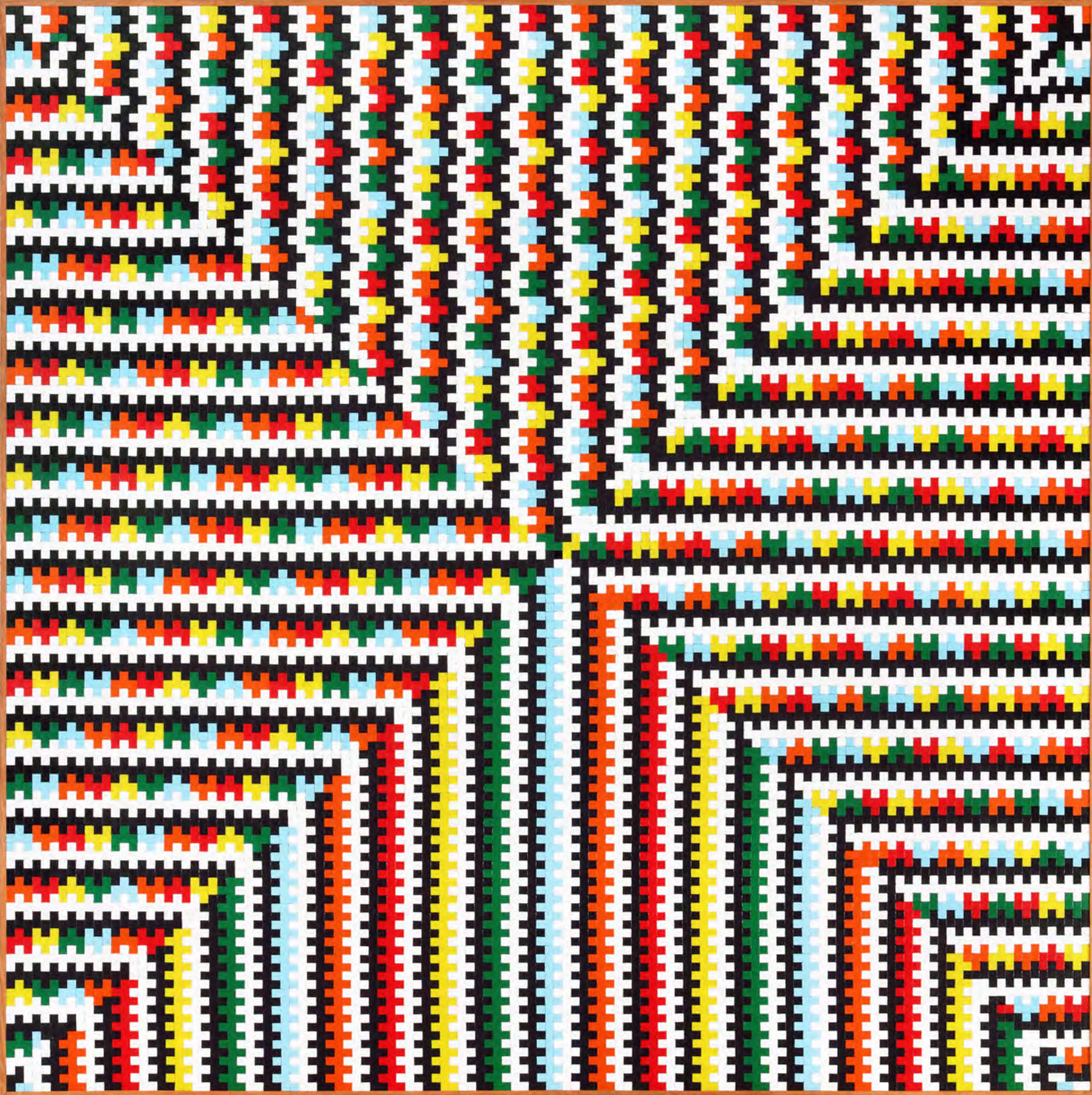
Julien foi indicado ao Prêmio Turner em 2001 por seus filmes *The Long Road to Mazatlán* (1999) e *Vagabondia* (2000). Sua aclamada instalação de 5 telas, *Western Union: Small Boats* (2007), foi exibida no Metro Pictures, Nova York; Galería Helga de Alvear, Madri; Centre for Contemporary Arts, Varsóvia; assim como integra a coleção do Brandhorst Museum, em Munique. Em 2008, Julien colaborou com Tilda Swinton no filme biográfico sobre Derek Jarman, simplesmente intitulado *Derek*, estreado no mesmo ano no Sundance Film Festival. Sua obra *Ten Thousand Waves* (2010) percorreu o mundo, exibida em mais de 15 países, incluindo cidades como Xangai, Sydney, Madri, Helsinque, São Paulo, Gwangju (Coréia), Gotemburgo, Moscou, Nova York, Miami e Londres.

Julien é representado em coleções públicas e privadas ao redor do mundo, incluindo: MoMA, Tate, Coleção de Arte do Governo do Reino Unido, Centre Pompidou, Guggenheim Museum, Hirshhorn Museum e Brandhorst Museum.

Isaac Julien (b. 1960) is a British artist and filmmaker whose work incorporates different artistic disciplines, drawing from and commenting on film, dance, photography, music, theatre, painting and sculpture, and uniting them to create a unique poetic visual language in audio visual film installations. His 1991 film *Young Soul Rebels* won the *Semaine de la Critique* prize at the Cannes Film Festival.

Julien was nominated for the Turner Prize in 2001 for his films *The Long Road to Mazatlán* (1999) and *Vagabondia* (2000). His acclaimed 5-screen installation, *Western Union: Small Boats* (2007) has been shown at Metro Pictures, New York; Galería Helga de Alvear, Madrid; Centre for Contemporary Arts, Warsaw; and is also in the Museum Brandhorst collection in Munich. In 2008 Julien collaborated with Tilda Swinton on a biopic about Derek Jarman simply entitled *Derek*, which premiered at the Sundance Film Festival the same year. His 2010 film *Ten Thousand Waves* went on world tour, and has been on display in over 15 countries so far, including Shanghai, Sydney, Madrid, Helsinki, Sao Paolo, Gwangju (Korea), Gothenburg, Moscow, New York, Miami and London.

Julien is represented in museum and private collections throughout the world, including MoMA, Tate, the UK Government Art Collection, Centre Pompidou, the Guggenheim Museum, the Hirshhorn Museum and the Brandhorst Museum.



osé patrício

*Trajetórias cromáticas /*  
*Chromatic trajectories, 2012*  
peças de quebra-cabeças de plástico  
sobre madeira / plastic puzzle pieces  
on wood  
179 x 179 cm

Com resultados que podem ser descritos como instalações e pinturas, o trabalho de José Patrício se baseia na organização de peças cotidianas para gerar padrões e imagens, regulares ou um tanto livres, mas sempre de aspecto ao mesmo tempo enigmático e familiar. Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, o procedimento de acúmulos de Patrício situa-nos “num patamar diferente das questões colocadas pelo progresso da ciência e da técnica para a obra de arte. (...) Incorporado, como ponto de partida, o terreno da combinatória matemática, nos encontramos com a combinação das séries, infinitas nas suas possibilidades. O problema não é mais a reprodução do mesmo; trata-se, agora, de, a partir do mesmo, produzir infinitos outros”.

A partir de 1999, quando cria uma instalação para o Convento de São Francisco, em João Pessoa, Patrício utiliza o jogo de dominós como elemento-chave de numerosas obras de sua autoria. Anteriormente, já havia lançado mão da apropriação de objetos do dia a dia, como em trabalhos que utilizam bebês de plástico pintados de preto. “José Patrício demonstra que a matéria mínima aliada a gestos discretos é suficiente para o fabrico de labirintos”, assinala o crítico e curador Agnaldo Farias.

José Patrício nasceu em 1960, em Recife, onde vive e trabalha. Participou de bienais como a 22ª Bienal de São Paulo (1994) e a 3ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, em Porto Alegre (1994), ambas no Brasil; e a 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003). Participações recentes em exposições coletivas incluem: *Ars Combinatoria*, no Hong Kong International Art Fair, em Hong Kong (2012); *Art in Brazil*, no Palais des Beaux Arts, em Bruxelas, Bélgica (2011); e *Bahia, 50 anos de arte brasileira*, no Museu de Arte Moderna da Bahia, em Salvador, Brasil (2009). Suas mais recentes mostras individuais são: *A espiral e o labirinto*, na Galeria Nara Roesler, em São Paulo (2012); *José Patrício: O Número*, no Caixa Cultural, Rio de Janeiro (2010); e *Expansão Múltipla*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2008), todas no Brasil. Suas obras fazem parte de coleções como a da Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, Paris, França; e Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães e Fundação Joaquim Nabuco, ambos no Recife; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador; Banco Itaú S.A., São Paulo; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Coleção Gilberto Chateaubriand, todas no Brasil.

With outcomes that may be described as installations and paintings, the work of José Patrício is based on arranging day-to-day items to create patterns and images, either regularly or fairly freely, but always both enigmatic and familiar-looking. To the critic and curator Paulo Sérgio Duarte, Patrício's accumulation procedure places us “on a different level than the issues set forth by the progress of science and technique in artwork.... As the terrain of combinatorial mathematics is incorporated as a starting point, we are faced with the combination of series, endless in their possibilities. The problem is no longer the reproduction of the same; it is now about producing endless others from the same.”

Starting in 1999, when he created an installation for the Convent of São Francisco, in João Pessoa, Patrício uses the game of domino as a key element to several of his works. In the past, he had already used day-to-day objects in works that featured plastic babies painted black. “José Patrício demonstrates that minimal matter, coupled with discrete gestures, suffices to manufacture labyrinths,” writes the critic and curator Agnaldo Farias.

José Patrício was born in 1960 in Recife, where he lives and works. He featured in biennials such as the 22nd Bienal de São Paulo (1994) and the 3rd Mercosul Visual Arts Biennial, in Porto Alegre (1994), both in Brazil; and the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003). Recent group shows include: *Ars Combinatoria*, at the Hong Kong International Art Fair, in Hong Kong (2012); *Art in Brazil*, at the Palais des Beaux Arts in Brussels, Belgium (2011); and *Bahia, 50 anos de arte brasileira* at the Museu de Arte Moderna da Bahia, in Salvador, Brazil (2009). Recent solo shows include: *A espiral e o labirinto*, at Galeria Nara Roesler, in São Paulo (2012); *José Patrício: O Número*, at Caixa Cultural, Rio de Janeiro (2010); and *Expansão Múltipla*, at the Pinacoteca do Estado de São Paulo (2008), all in Brazil. His work is included in the collections of the Fondation Cartier pour L'Art Contemporain, Paris, France; and Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães and Fundação Joaquim Nabuco, both in Recife; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador; Banco Itaú S.A., São Paulo; Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Coleção Gilberto Chateaubriand, all in Brazil.



*Continuel-lumière-cylindre,*  
1962/1997  
madeira, motor, luz /  
wood, motor, light  
47,5 x 30,5 x 14 cm



julio le parc



*Continuel-lumière-cylindre, 1962/1997*  
vista lateral / side view

Apesar de seu papel fundamental na história da arte cinética, as telas, esculturas e instalações de Julio le Parc incluem questões relativas aos limites da pintura, por meio tanto de procedimentos mais próximos da tradição pictórica, tais como a acrílica sobre tela, quanto de assemblages ou aparatos mais propriamente cinéticos.

Pioneiro na modalidade, Julio le Parc foi um dos fundadores, em 1960, do Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960-68), coletivo de artistas ótico-cinéticos que se propunha estimular a participação dos observadores, amplificando a sua capacidade de percepção e ação. Coerentemente com essas premissas e, de maneira mais geral, com a aspiração, bastante difusa na época, a uma arte desmaterializada ou indiferente às exigências do mercado, o grupo apresentava-se em lugares alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio le Parc formadas apenas por jogos de luz e sombras são fruto direto desse contexto, em que a produção de uma arte efêmera e invendável tinha uma clara conotação sociopolítica.

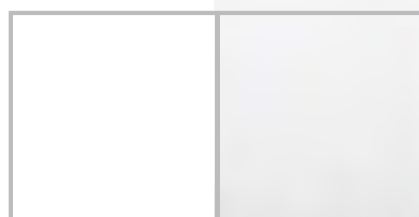
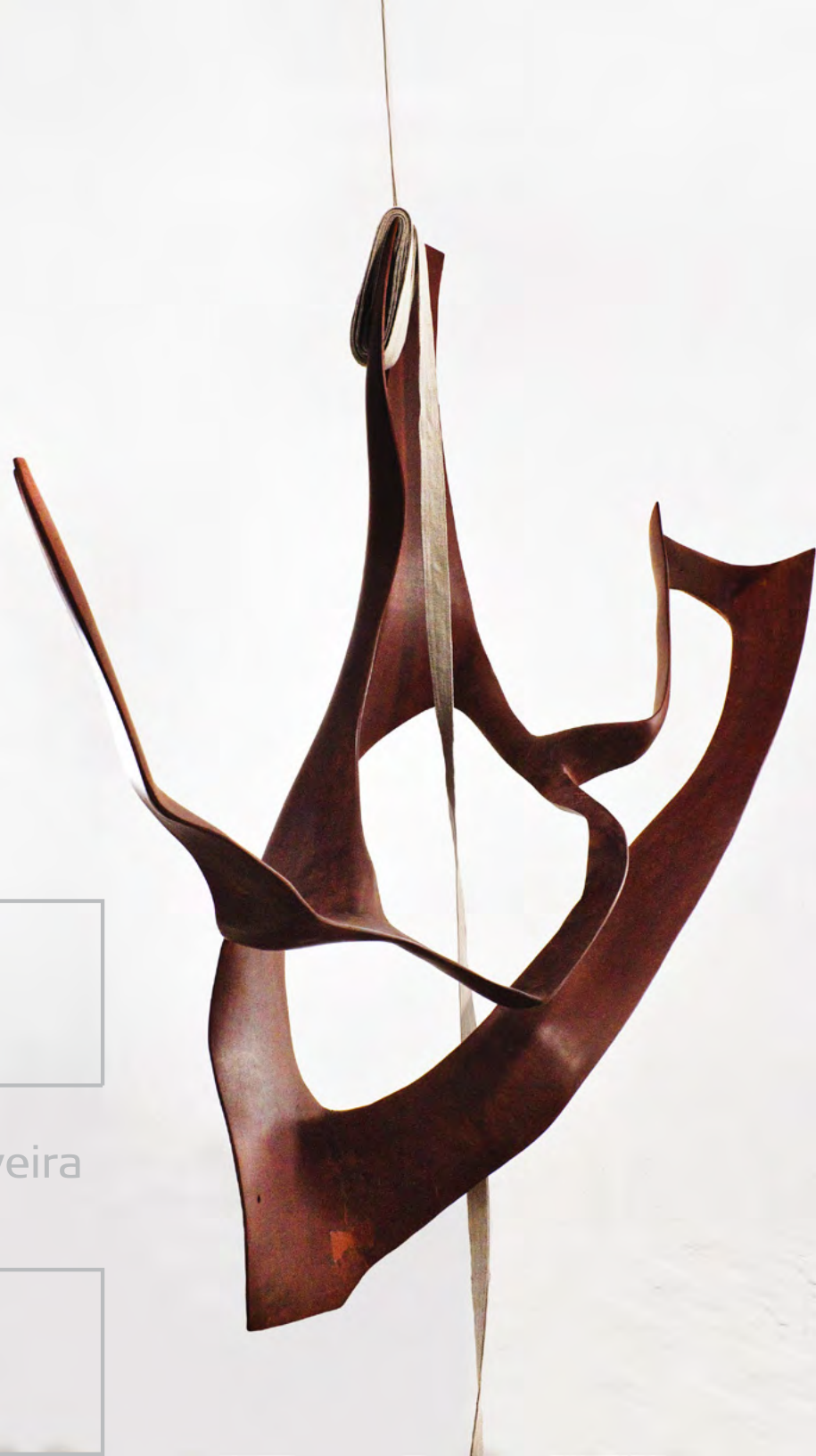
Argentino de Mendoza, Julio Le Parc nasceu em 1928 e hoje vive e produz em Paris. Participou das 2ª e 3ª edições da Bienal de Paris, França (1961 e 1963); da Bienal de Havana, Cuba (1984); e da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999). Entre as exposições coletivas recentes que integrou estão: *Level 1*, Petite salle, no Centre Pompidou Metz, em Metz, França (2012); *Tomorrow was already here*, no Museo Tamayo, na Cidade do México, México (2012); *Suprasensorial*, no MOCA, em Los Angeles, Estados Unidos (2011); *Asis, Cruz Diez, de Barros, Esmeraldo, Le Parc, Tomasello, Soto*, na Sicardi Gallery, em Houston, Estados Unidos (2010); *Vibracion*, na Moderne Kunst aus Lateinamerika- Ella Fontanals, Cisneros Collection, em Bonn, Alemanha (2010); *Uma Aventura Moderna*, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, Brasil (2009); e *Summer of Love*, na Whitney Museum of American Art, em Nova York, Estados Unidos (2007). Exposições individuais recentes incluem: *Julio Le Parc*, no Palais de Tokyo, em Paris, França (2013); *Oeuvres Choisies 1964-2013*, na Galerie Denise René, em Paris, França (2013); *Julio le Parc*, na Galeria Nara Roesler, em São Paulo, Brasil (2007); *Le Parc Lumière*, na Biblioteca Luiz Angel Arango, em Bogotá, Colômbia (2007); *Verso La Luce*, no Castello di Boldeniga, em Brescia, Itália (2004); e *Retrospectiva*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil (2001). Suas obras fazem parte de acervos como os do MoMA, Nova York, Estados Unidos; Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil; Tate Gallery, Londres, Reino Unido; Museum Bymans-Van Beuningen, Roterdã, Holanda; MIT List Visual Arts Center, Cambridge, Estados Unidos, Coleção Daros, Zurique, Suíça, CIFO, Miami, Estados Unidos, Walker Art Center, Minneapolis, Estados Unidos, Kunsthalle, Nuremberg, Alemanha, entre outros.

Despite their pivotal role to the history of kinetic art, the canvases, sculptures, and installations by Julio le Parc touch on issues pertaining to the boundaries of painting, using procedures both closer to pictorial tradition, such as acrylic on canvas, and more properly kinetic assemblages or apparatuses.

A pioneer of the genre, Julio le Parc was a cofounder of Groupe de Recherche d'Art Visuel (1960-68), a collective of optical-kinetic artists who set out to encourage the participation of viewers in order to enhance their abilities to perceive and act. In keeping with these premises, and more generally with the then quite disseminated aspiration to a dematerialized art, an art indifferent to market demands, the group would present itself in alternative venues and even on the street. Julio le Parc's works and installations, made from nothing but the interplay of light and shadow, were a direct result of that context, in which the production of a fleeting, unsellable art had a clear sociopolitical tinge.

Born in 1928 in Mendoza, Argentina, Julio Le Parc lives and works in Paris. He featured in the 2nd and 3rd editions of the Paris Biennale, France (1961 and 1963); the Havana Biennial, in Cuba (1984); and the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999). Recent group shows include: *Level 1*, Petite salle, at the Centre Pompidou Metz in Metz, France (2012); *Tomorrow was already here*, at Museo Tamayo, in Mexico City, Mexico (2012); *Suprasensorial*, at MOCA in Los Angeles, United States (2011); *Asis, Cruz Diez, de Barros, Esmeraldo, Le Parc, Tomasello, Soto*, at Sicardi Gallery, in Houston, United States (2010); *Vibracion*, at Moderne Kunst aus Lateinamerika- Ella Fontanals, Cisneros Collection, in Bonn, Germany (2010) and *Uma Aventura Moderna*, at the Museu Oscar Niemeyer, in Curitiba, Brazil (2009). Recent solo shows include: *Julio Le Parc*, at Palais de Tokyo, in Paris, France (2013); *Oeuvres Choisies 1964-2013*, at Galerie Denise René, in Paris, France (2013); *Julio le Parc*, at Galeria Nara Roesler, in São Paulo, Brasil (2007); *Le Parc Lumière*, at the Biblioteca Luiz Angel Arango, in Bogotá, Colombia (2007); *Verso La Luce*, at the Castello di Boldeniga, in Brescia, Italy (2004); and *Retrospectiva*, at the Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brazil (2001). His works are part of the collections of MoMA in New York, United States; the Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brazil; Tate Gallery, London, United Kingdom; Museum Bymans-Van Beuningen, Rotterdam, The Netherlands; MIT List Visual Arts Center, in Cambridge, United States, Daros Collection, Zurich, Switzerland, CIFO, Miami, United States, Walker Art Center, Minneapolis, United States, Kunsthalle, Nuremberg, Germany, among others.

*Nem dentro nem fora /*  
*Not in nor out 2013*  
madeira (cajacatinga) e linho /  
cajacatinga wood and linen  
140 x 140 x 46 cm



marcelo silveira

A obra de Marcelo Silveira parece questionar as categorias preestabelecidas, desafiando e tensionando, entre outras, as definições aparentemente consolidadas de escultura, instalação, arte popular, artesanato, e até colecionismo.

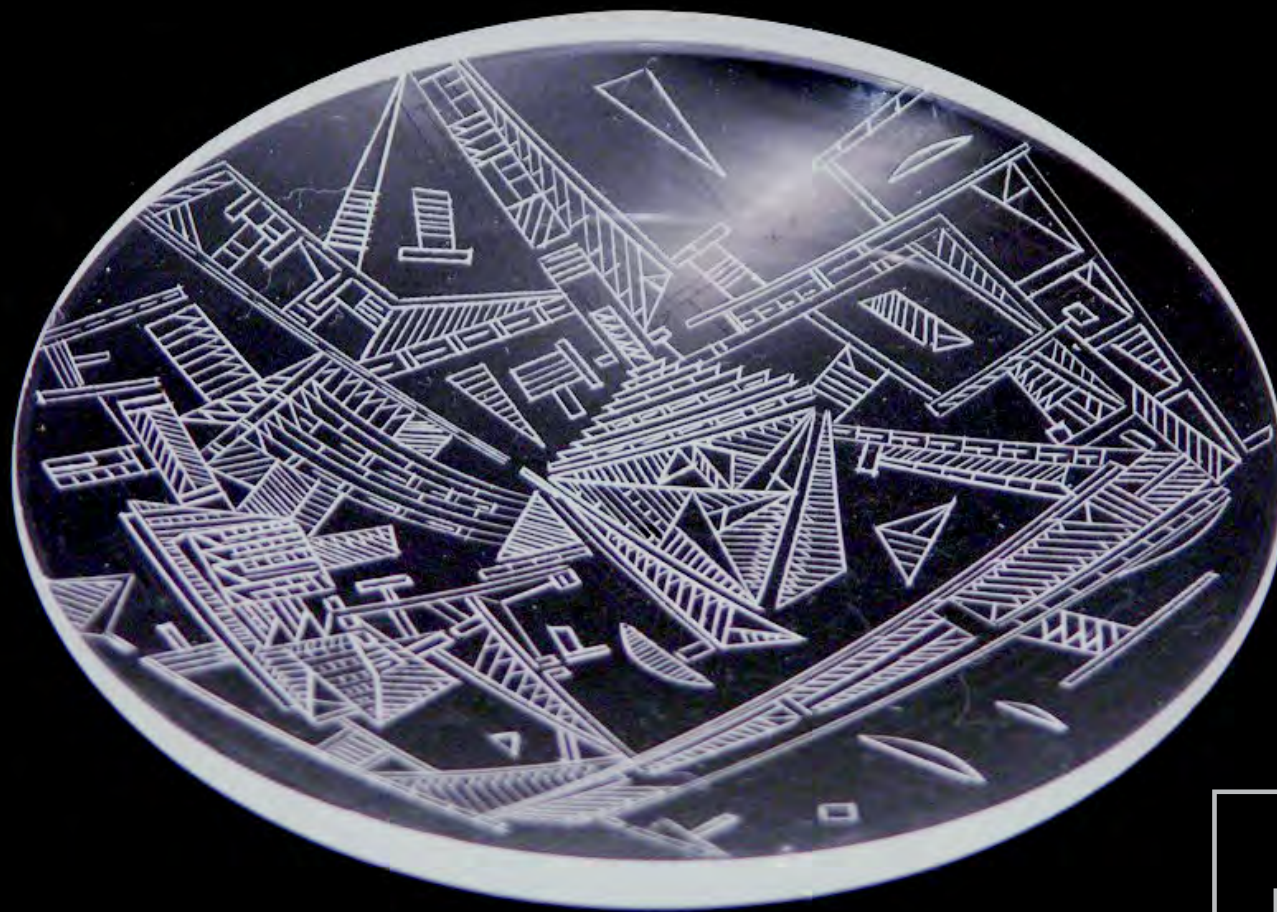
A acumulação, de fato, constitui estratégia privilegiada do artista: objetos que lembram utensílios domésticos, evidentemente desprovidos de qualquer utilidade e que, contudo, parecem guardar algum significado; esferas de vários materiais e dimensões, imóveis, como que à espera de algum acontecimento anunciado; centenas de objetos de vidro (de copos e garrafas a simples cacos)... Tudo pode confluir nas grandes coleções de Marcelo Silveira. O curador Moacir dos Anjos observa que "se estabelece (...) um deslocamento claro de foco: das propriedades formais de peças que se bastam, as atenções de Marcelo Silveira (e do observador) se voltam também para um conjunto delas, as quais sugerem, de modo relacional, seus (possíveis) significados".

Marcelo Silveira nasceu em 1962, em Gravatá, Pernambuco. Vive e trabalha em Recife. Participou da 1ª Bienal Internacional de Artes Plásticas de Buenos Aires, Argentina (2000); da 5ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2005); e da 4ª Bienal de Valência, Espanha (2007), além das mostras coletivas *Nova Arte Nova*, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil (2009); *Panorama da Arte Brasileira – Contraditório*, em Alcalá 31, em Madri, Espanha (2008); *Geração da Virada 10 + 1*, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, Brasil (2006). Entre suas exposições solo recentes estão: *Chronos* (2012) e *Arquitetura de Interiores* (2008), ambas na Galeria Nara Roesler, em São Paulo; Galeria Mariana Moura, em Recife (2006); e Centro Cultural Maria Antônia, em São Paulo (2005), todas no Brasil.

The work of Marcelo Silveira seems to question preestablished categories, defying and tensing up the seemingly established definitions of sculpture, installation, popular art, handicraft, and even collectionism, among others.

As a matter of fact, accumulation constitutes a favorite strategy of his: objects reminiscent of household appliances, blatantly stripped of any use, that yet seem to bear some meaning; spheres made of various materials and in various sizes, motionless, as if awaiting some announced event; hundreds of glass objects (from drinking glasses to bottles to mere shards)... It all can come together in Marcelo Silveira's large collections. Curator Moacir dos Anjos notes that "a clear displacement of focus is established: the attentions of Marcelo Silveira (and of the viewer) shift from the formal properties of self-contained items to a set of said items, which, in a relational way, suggest their (possible) meanings."

Marcelo Silveira was born in 1962 in Gravatá, state of Pernambuco. He lives and works in Recife. He featured in the 1st International Art Biennial of Buenos Aires, Argentina (2000); the 5th Mercosul Biennial in Porto Alegre, Brazil (2005); and the 4th Valencia Biennial, Spain (2007), and in the group shows *Nova Arte Nova*, at the Centro Cultural Banco do Brasil, in Rio de Janeiro and São Paulo, Brazil (2009); *Panorama da Arte Brasileira – Contraditório*, in Alcalá 31, Madrid, Spain (2008); *Geração da Virada 10 + 1*, at the Instituto Tomie Ohtake, in São Paulo, Brazil (2006). Recent solo shows include: *Chronos* (2012) and *Arquitetura de Interiores* (2008), both at Galeria Nara Roesler, in São Paulo; Galeria Mariana Moura, in Recife (2006); and Centro Cultural Maria Antônia, in São Paulo (2005), all in Brazil.

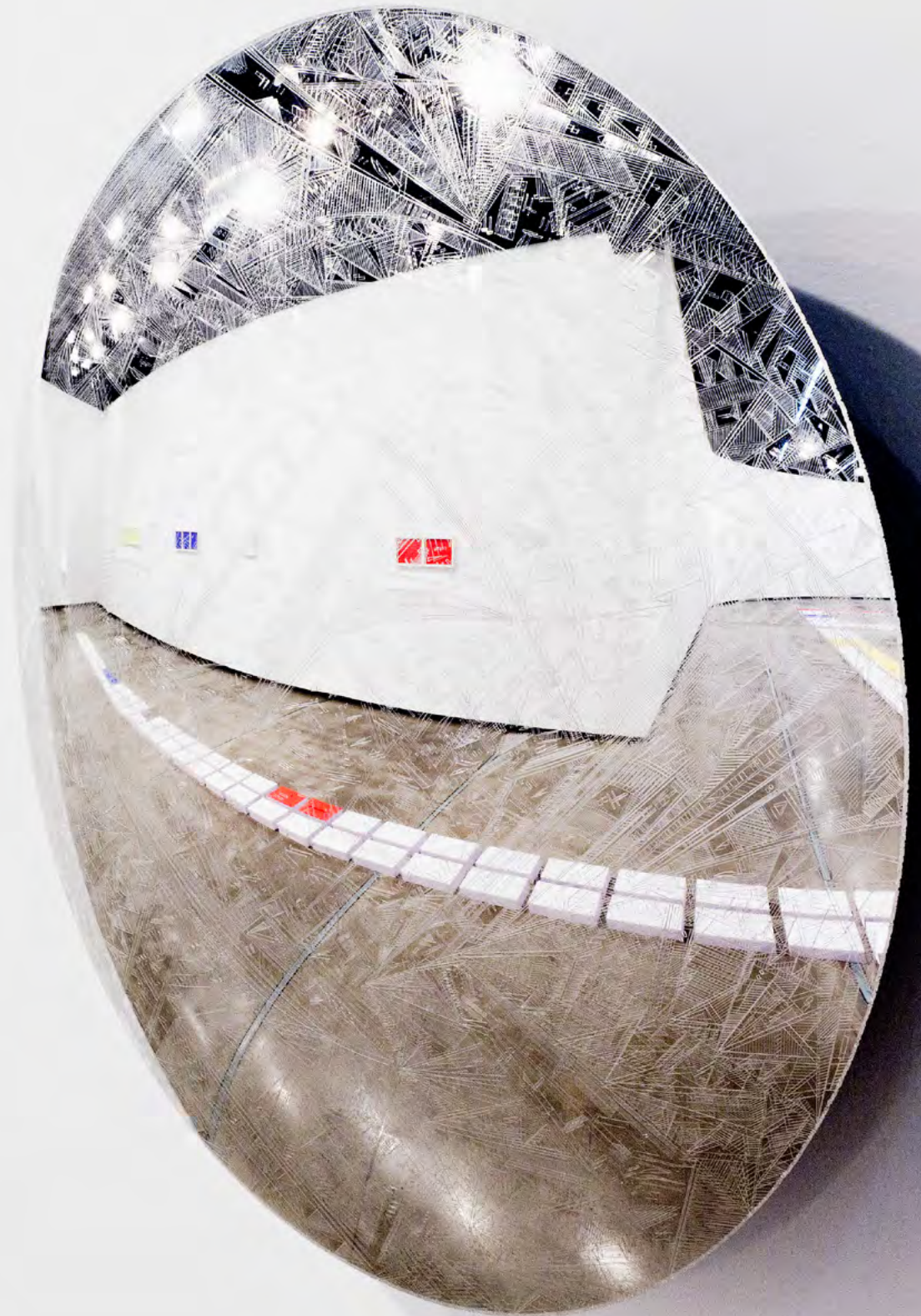


marco	maggi



*Lentíssimo*, 2011-2013 -- cortes em 12 lentes ópticas / incisions on optical lenses --  $\varnothing$  5 cm cada

*Global Myopia (Parking Mirror)*, 2010  
incisões sobre espelho convexo /  
incisions on convex mirror  
45 cm ø





A presença do papel e o caráter intimista são duas constantes na produção de Marco Maggi, mesmo em suas grandes instalações. Desde a consolidação de sua carreira, na década de 1990, estimula seu público de forma espirituosa e delicada a diminuir o ritmo cotidiano e observar com vagar, prestar atenção e aprofundar-se em suas obras, na vida ao seu redor e na sociedade em que se vive. Nas palavras do curador Adriano Pedrosa, o artista “finca trincheiras no embate com a velocidade”.

Na série “The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA”, Maggi demonstra senso crítico apurado, usando reproduções de obras de artistas como Gerhard Richter, Andy Warhol e Hélio Oiticica para comentar a condição midiática da vida atual. Pilhas de papel em branco cobrem reproduções e, filetadas com precisão, criam relevos e aberturas que revelam traços de cor da reprodução oculta embaixo, formando uma grande paisagem branca com pequenas aberturas de cor. As instalações mantêm o uso do papel, mas as numerosas pilhas, a distância, não revelam sua natureza; é preciso se aproximar, ter certa intimidade com as obras, dedicar-lhes algum tempo para descobrir o que revelam.

Marco Maggi nasceu em Montevideu, Uruguai, em 1957. Vive e trabalha em Nova York e Montevideu. Museum of Latin American Art, em Long Beach, Estados Unidos (2012); *Beyond the Chaos Between Intelligence and Beauty*, na Osart Gallery, em Milão, Itália (2011); *Works from the Daros Latin America Collection*, na Fundación Banco Santander, em Madri, Espanha (2010); e *Under the Knife*, no Museum of Art and Design, em Nova York, Estados Unidos, são algumas das instituições e mostras coletivas em que apresentou seu trabalho recentemente. Participou também da 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002); da 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003); da 29ª Bienal de Pontevedra, Espanha (2006); da 17ª Bienal da Guatemala (2010); e da Bienal de Cuenca, Equador (2011). Exposições individuais recentes incluem: *Desinformação Funcional – Desenhos em Português*, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, Brasil (2012); *From Huguenot to Microwave*, no Dorsky Museum, em Nova York, Estados Unidos (2011); e *Cubic Drops*, na Hosfelt Gallery, em São Francisco, Estados Unidos. Seus trabalhos integram acervos como os do MoMA, Whitney Museum of American Art e Guggenheim Museum, em Nova York; Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, Washington D.C.; Museum of Fine Arts, Boston; Fine Arts Museums of San Francisco, São Francisco, todos nos Estados Unidos; e Daros Foundation, Zurique, Suíça, entre outros.

The presence of paper and the intimate character are two constants in the work of Marco Maggi, even in his large installations. Ever since he established his career, in the 1990s, Maggi has wittily and delicately encouraged his audience to slow down their pace, and watch, pay attention, and delve deeper into his works, the life that surrounds them, and the society in which they live. In the words of curator Adriano Pedrosa, Maggi “digs trenches in his battle with speed.”

In a series entitled “The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA,” Maggi shows his acute critical sense by using reproductions of pieces by artists of the likes of Gerhard Richter, Andy Warhol, and Hélio Oiticica to comment on the mediatized condition of contemporary life. Heaps of white paper cover reproductions, slashed with precision to create reliefs and gaps that reveal traces of tones from the reproductions hidden underneath, forming a big white landscape spiked with small slits of color. The installations maintain the use of paper, but from a distance, the numerous heaps do not show their nature; one must come closer, become somewhat acquainted with the works and dedicate some time to finding out what they reveal.

Marco Maggi was born in 1957 in Montevideo, Uruguay. He lives and works in New York and Montevideo. He has been exhibiting individually since 1998. He recently showed his work at institutions and shows such as the Museum of Latin American Art in Long Beach, United States (2012); *Beyond the Chaos Between Intelligence and Beauty*, at the Osart Gallery in Milan, Italy (2011); *Works from the Daros Latin America Collection*, at Fundación Banco Santander in Madrid, Spain (2010); and *Under the Knife*, at the Museum of Art and Design, in New York, United States. He also featured in the 25th Bienal de São Paulo, Brazil (2002); the 8th Havana Biennial, in Cuba (2003); the 29th Pontevedra Biennial, in Spain (2006); the 17th Guatemala Biennial (2010); and the Cuenca Biennial, in Ecuador (2011). Recent solo shows include: *Desinformação Funcional – Desenhos em Português*, at the Instituto Tomie Ohtake, in São Paulo, Brazil (2012); *From Huguenot to Microwave*, at the Dorsky Museum in New York, United States (2011); and *Cubic Drops*, at the Hosfelt Gallery in San Francisco, United States. His works are included in the collections of MoMA, the Whitney Museum of American Art, and the Guggenheim Museum, in New York; the Hirshhorn Museum and Sculpture Garden, in Washington D.C.; the Museum of Fine Arts, in Boston; the Fine Arts Museums of San Francisco, all in the United States; and the Daros Foundation in Zurich, Switzerland, among others.



*Ancient Shanghai*, 2011 -- impressão fotográfica sobre papel de algodão / photo impression on cotton paper -- 135 x 180 cm

Apesar de ter iniciado a carreira na primeira metade dos anos 1980, num período, portanto, de grande auge da pintura, Marcos Chaves tem na fotografia, no vídeo e em instalações os suportes ideais para um trabalho profundamente crítico e que, não obstante a coerência, permanece aberto a interpretações. O curador Fernando Cocchiarale observa que “a conexão dos componentes das obras de Marcos é feita (...) sobretudo por meio dos irônicos nexos estabelecidos pelas palavras grafadas nas próprias obras ou registradas nos títulos dos trabalhos. Chaves cria uma sintaxe sem regras prévias que empresta sentido estético ao conjunto de sua produção”.

É frequente a apropriação de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que reproduzem de maneira direta, ou, no máximo, com pequenas intervenções, o extraordinário que o artista evidencia habitar o prosaico do dia a dia, como nas séries “Buracos” (1996-2008) e “Retratos” (2009). Sua produção insere-se, de maneira renovada, na longa tradição da poesia visual, seja pela inserção de frases (como na célebre “Eu só vendo a vista”, sobreposta pelo artista ao panorama do Rio de Janeiro), seja pela escolha de títulos sutilmente ambíguos e divertidos, que conduzem uma reflexão bem-humorada, mas não por isso superficial (“Não falo duas vezes”, 1995; “Paz entre aspas”, 2005).

Marcos Chaves nasceu em 1961, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. *Evento*, no Palácio da Aclamação, em Salvador, Brasil (2012); *Pieces*, na Galeria Nara Roesler, em São Paulo, Brasil (2011); *Focus Brasil*, na Galeria Moro, em Santiago, Chile (2010); e *Laughing Mask*, Butcher’s, em Londres, Reino Unido (2008), são algumas de suas mostras individuais recentes. Participou das 1ª e 5ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (1997 e 2005), e da 25ª Bienal de São Paulo (2002), todas no Brasil; e da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011), entre outras. Exposições coletivas recentes de que participou incluem: *Brasil Vivido*, no S2, em Nova York, Estados Unidos (2013); *Espelho Refletido*, no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro, Brasil (2012); *Gigante por la propia naturaleza*, no IVAM, em Valência, Espanha (2011); *Ponto de Equilíbrio*, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, Brasil (2010); e *After Utopia*, no Pecci Center for Contemporary Art, Prato, Itália (2009).

Although Marcos Chaves started his career in the first half of the 1980s, i.e., in a period in which painting reached a major peak, photography, video, and installations are the ideal media for his deeply critical work, which remains open to interpretation, despite its coherence. The curator Fernando Cocchiarale notes that “the connection between the components in Chaves’ works is made ... primarily through the ironic nexuses established by the words written onto the works themselves, or inserted into the titles. Chaves creates a syntax devoid of preset rules which lends aesthetical meaning to his output as a whole.”

He often appropriates small elements or scenes from everyday life, which reproduce, either directly or with small interventions at most, the extraordinary that the artist shows to inhabit the prosaic in daily life, as in the “Buracos” (1996–2008) and “Retratos” (2009) series. His production is inserted, in renewed fashion, in the long-standing tradition of visual poetry, be it through the addition of sentences (such as the famous “Eu só vendo a vista” [I sell only the view], which the artist superimposed onto the Rio de Janeiro landscape), or through the choice of subtly ambiguous, funny titles conducive to a high-spirited, though not superficial, reflection (“Não falo duas vezes” [I don’t speak twice], 1995; “Paz entre aspas” [Peace in quotation marks], 2005).

Marcos Chaves was born in 1961 in Rio de Janeiro, where he lives and works. Recent solo shows include *Evento*, at Palácio da Aclamação, in Salvador, Brazil (2012); *Pieces*, at Galeria Nara Roesler in São Paulo, Brazil (2011); *Focus Brasil*, at Galeria Moro, in Santiago, Chile (2010); and *Laughing Mask*, Butcher’s, in London, United Kingdom (2008). He featured in the 1st and 5th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre (1997 and 2005), and the 25th Bienal de São Paulo (2002), all in Brazil; and the 54th Venice Biennale, in Italy (2011), among others. Recent group shows include: *Brasil Vivido*, at S2, in New York, USA (2013); *Espelho Refletido*, at the Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, in Rio de Janeiro, Brazil (2012); *Gigante por la propia naturaleza*, at the IVAM in Valencia, Spain (2011); *Ponto de Equilíbrio*, at the Instituto Tomie Ohtake, in São Paulo, Brazil (2010); and *After Utopia*, at the Pecci Center for Contemporary Art, in Prato, Italy (2009).



*Polar house 2006 -- óleo sobre tela / oil on canvas -- 227 x 222 cm -- detalhe / detail*

oscar oiwa

A temática presente nas pinturas de Oscar Oiwa não surge sem propósito, mas sim de uma infinidade de associações que podem ou não ter relação com fatos reais. Trabalhando essencialmente com tinta a óleo, o artista cria um mundo vívido e complexo repleto de acontecimentos surreais e imagens concebidas em sua mente. Seus novos trabalhos são frequentemente continuações de trabalhos antigos, e seus temas surgem de associações entre fatos diversos. A obra de Oiwa é diretamente derivada de suas experiências itinerantes: nascido no Brasil de pais japoneses, o artista oriundo de São Paulo se mudou para Tóquio, em pleno estouro da crise econômica; em seguida para Londres, onde permaneceu por um ano; e finalmente, em 2002, ao receber a Guggenheim Fellowship, se mudou para Nova York, onde atualmente vive e trabalha.

Explorando o hibridismo entre tecnologia e natureza, o artista evoca a tradição do folclore para dar vida à relação entre o orgânico e o mecânico. Instigado pela ideia de colapso, de mundos à beira da destruição, seja por fatores internos ou externos, suas pinturas são exercícios do surreal, do sublime e, paradoxalmente, do mundano. Oiwa se inspira em fatos atuais, sendo considerado um dos artistas que melhor representa os impactos da globalização. Com considerável destreza técnica, o artista pinta imagens de ruínas para produzir paisagens com tinta a óleo em grandes painéis de múltiplas telas. Seu estilo representativo é casual, e mostra influências de arte japonesa.

Oscar Oiwa nasceu em São Paulo (1965). Vive e trabalha em Nova York. Em 1995, recebeu o prêmio de residência artística do Delfina Studio Trust, em Londres, assim como prêmios de instituições como Pollock-Krasner Foundation, Asian Cultural Council e John Simon Guggenheim Memorial Foundation. Seus trabalhos foram exibidos em São Paulo, Rio de Janeiro, Tóquio, Nova York, Pequim, Hong Kong, Paris, Barcelona, entre outras localidades. Em 1989, participou da 21ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo (1991). Suas obras fazem parte de importantes coleções públicas, como a do National Museum of Modern Art, Tóquio; Museum of Contemporary Art, Tóquio; Phoenix Art Museum; e Prince Albert II of Monaco Foundation.

The ideas and themes present in the paintings of Oscar Oiwa do not come from thin air, they are drawn from a multitude of associations that may or may not stem from actual events. Working primarily with oil based media, the artist creates a vivid and complex world filled with unreal occurrences and images developed within the mind. New works are often continuations of old works and themes spring from the association of different facts. The works of Oiwa are directly derivative of the artist's peripatetic experiences. Born in Brazil to Japanese parents, the artist is a native of São Paulo but moved to Tokyo, arriving just as the bubble economy burst, then London, where he spent a year, and finally, in 2002, recipient of the Guggenheim Fellowship, relocated to New York where he currently lives and works.

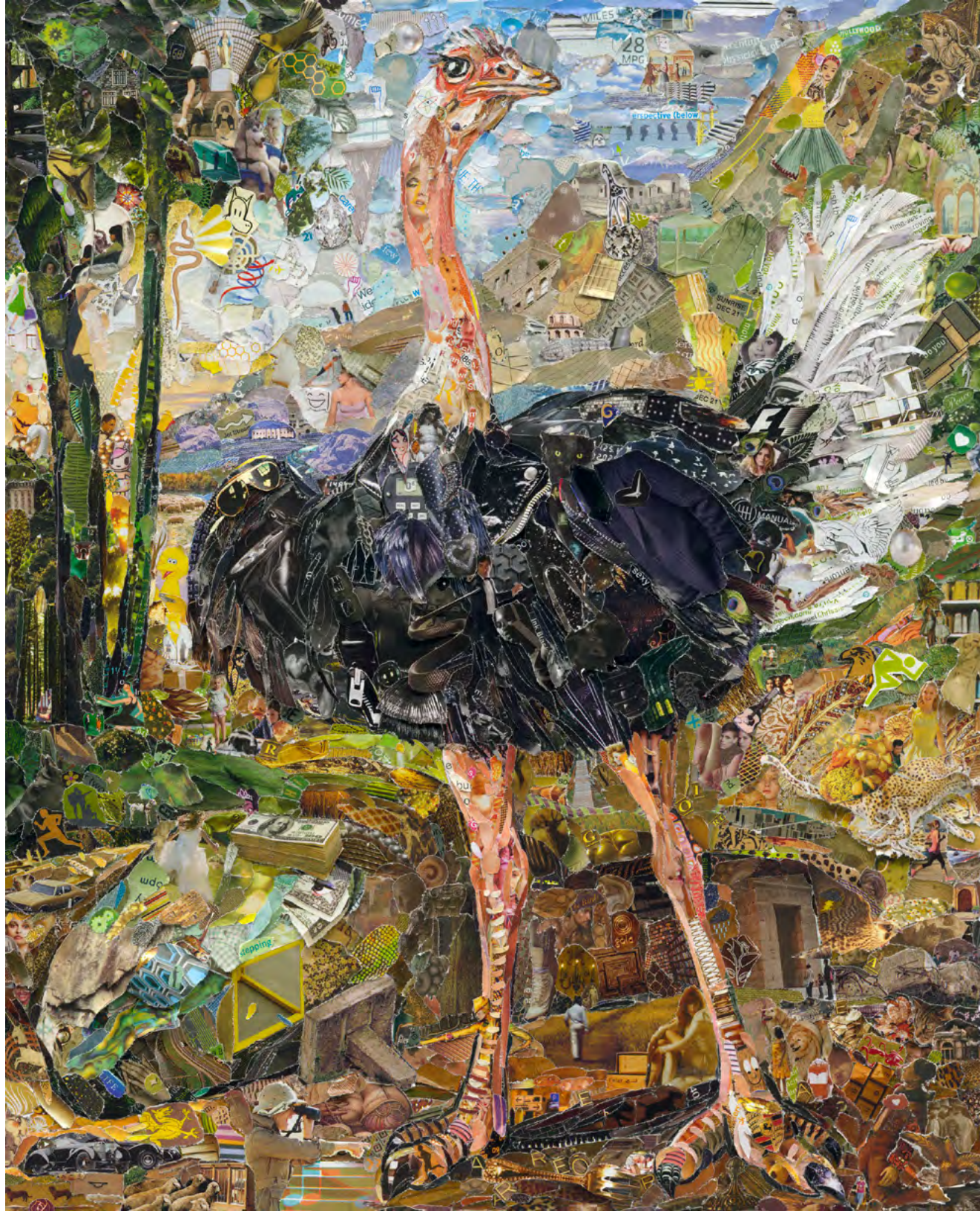
Exploring the hybridity of technology and nature, he evokes the tradition of folklore to give voice to the kinship between what is organic and what is mechanical. Heavily interested in the idea of collapse, of worlds at brink of destruction, either by an interior entropy or an outside force, his paintings are exercises of surrealist thought, the sublime, and, paradoxically, of the mundane. He draws inspiration for his works from current events and is deemed as one of the most accomplished artists to record the impact of globalization. With considerable technical expertise, Oiwa paints images of ruins to produce large multi-paneled oil paintings of landscapes. His representational style is casual and shows influences from Japanese art.

Oscar Oiwa was born in 1965 in São Paulo, Brazil. He lives and works in New York City. He received artist in residence award from The Delfina Studio Trust, London in 1995; in addition to grants from the Pollock-Krasner Foundation, Asian Cultural Council and John Simon Guggenheim Memorial Foundation. He has showed his works in São Paulo, Rio de Janeiro, Tokyo, New York, Beijing, Hong Kong, Paris, Barcelona, among other places. In 1989, he participated of the 21st International São Paulo Biennial (1991). His works are housed in public institutions such as The National Museum of Modern Art, Tokyo; Museum of Contemporary Art, Tokyo; Phoenix Art Museum; and Prince Albert II of Monaco Foundation



vik muniz

*Pictures of Magazine 2: Vase of Flowers,*  
*after Claude Monet 2013*  
c-print digital / digital c print  
240 x 180 cm



*Pictures of Magazine 2: Study of Ostrich, After  
Nicasius Bernaerts 2013  
c-print digital / digital c print  
125 x 100 cm*

Vik Muniz nasceu em São Paulo, Brasil. Ele mora e trabalha em Nova York e Rio de Janeiro. Uma retrospectiva abrangente da obra de Vik foi apresentada em diversas cidades do Brasil em 2009/2010, depois de viajar para os EUA, Canadá e México. A exposição foi vista por mais de 500 mil pessoas em locais como o Museu de Arte de Miami, Museu de Arte de Seattle, P.S.1 MoMA, Museu de Arte Contemporânea de San Diego, Museu de Arte Moderna de São Paulo e Museu de Arte Contemporânea de Montreal.

Em dezembro de 2008, Vik foi o artista convidado da série de exposições *Artist's Choice: Vik Muniz-Rebus*, do MoMa de Nova York. Outras exposições individuais de Vik Muniz nos últimos anos foram: *Vik Muniz*, na House of Photography, *A Terra Linda*, no Paço das Artes em São Paulo, *Pictures of People*, no Baltic Centre for Contemporary Art, Reino Unido; *Vik Muniz*, no Museu Irlandês de Arte Contemporânea, em Dublin; *Vik Muniz*, no Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela, Espanha; *Vik Muniz*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Suas principais exposições individuais nos EUA foram: *The Things Themselves: Pictures of Dirt*, no Museu Whitney de Arte Americana, em Nova York; *Vik Muniz*, no Museu e Galeria de Arte Tang Teaching, em Nova York; *Clayton Days*, no Frick Art & Historical Center, em Pittsburgh; e *Ver é Crer*, no Centro Internacional de Fotografia de Nova York.

Vik foi artista convidado da 49ª Bienal de Veneza, da 2000 Biennial Exhibition no Museu Whitney de Arte Americana, da XXIV Bienal Internacional de São Paulo e da 46ª Exposição Bienal *Media/Metaphor*, na Corcoran Gallery of Art em Washington, EUA. Um catalogue raisonné da obra completa de Vik (1987 a 2009) foi publicado pela Ed. Capivara, do Rio de Janeiro, em dezembro de 2009. Outras publicações importantes sobre a obra de Vik são "Reflex: Vik Muniz de A a Z", versão em português publicada pela Cosac Naify, SP, Brasil em 2007 e "Reflex: A Vik Muniz Primer" (versão original em inglês) pela Aperture, de Nova York, em 2005; "Obra Incompleta", publicado pela Fundação Biblioteca Nacional, do Brasil, em 2004; e "Vik Muniz, Natura Pictrix: Essays and Interviews on Photography", pela Edgewise Press (Nova York, Turim, Paris), em 2004.

Sua obra está representada nas coleções de grandes museus internacionais: Instituto de Arte de Chicago, Museu de Arte Contemporânea de Los Angeles, Museu J. Paul Getty, Metropolitan Museum of Art, Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York, Museu de Arte Moderna de São Paulo, e Victoria and Albert Museum em Londres, entre outros. Além de fazer arte, Vik está envolvido em projetos sociais que usam a criação artística como força transformadora. Um desses projetos é apresentado em "Waste Land", documentário realizado em 2010 sobre o trabalho de Vik com catadores de lixo brasileiros. O filme foi indicado ao Oscar e ganhou o prêmio de Melhor Filme no Festival de Sundance, entre outros prêmios. Vik também desenvolveu programas educacionais para jovens brasileiros em parceria com organizações não governamentais sem fins lucrativos, como Stimulu e Observatório de Favelas. Em 2011, Muniz foi nomeado Embaixador da Boa Vontade da UNESCO.

Muniz também foi palestrante convidado de universidades e museus renomados, entre eles Harvard, Yale, Ted Conferences, Universidade de Nova York, International Center of Photography, Museu de Arte Moderna de Nova York, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Museu de Belas Artes de Boston e, mais recentemente, MIT de Boston.

Vik Muniz was born in São Paulo, Brazil. He lives and works in New York and Rio de Janeiro. A comprehensive retrospective of Vik's work traveled through Brazil in 2009/2010 after making rounds through the U.S., Canada and Mexico. The venues for the show included the Miami Art Museum, Seattle Art Museum, P.S.1 MoMA, the Museum of Contemporary Art in San Diego, Museum of Art São Paulo, and the Museum of Contemporary Art in Montreal, with an audience of over 500,000 people.

In December 2008 Vik was the guest artist at the Museum of Modern Art exhibition series *Artist's Choice: Vik Muniz-Rebus*. Other international solo exhibitions in recent years are: *Vik Muniz* at the House of Photography, *The Beautiful Earth* at Paço das Artes in São Paulo, *Pictures of People* at the Baltic Centre for Contemporary Art in the UK; *Vik Muniz* at the Irish Museum of Contemporary Art in Dublin; *Vik Muniz* at the Centro Galego de Arte Contemporânea in Santiago de Compostela, Spain; *Vik Muniz* at Museum of Modern Art, Rio de Janeiro and Museum of Modern Art, São Paulo. In the US major solo exhibitions are: *The Things Themselves: Pictures of Dirt* at the Whitney Museum of American Art in New York; *Vik Muniz* at The Tang Teaching Museum and Art Gallery in New York; *Clayton Days* at The Frick Art & Historical Center in Pittsburgh and *Seeing is Believing* at the International Center of Photography in New York.

Vik was a guest artist at the 49th Venice Biennial, the 2000 Biennial Exhibition at the Whitney Museum of American Art, the XXIV Bienal Internacional de São Paulo and The 46th Corcoran Biennial Exhibition, *Media/Metaphor* at The Corcoran Gallery of Art in Washington, D.C. A catalogue raisonné of Vik's entire oeuvre (1987 to 2009) was published by Capivara Ed., Rio de Janeiro in December 2009. Some other major publications about Vik's work are "Reflex: A Vik Muniz Primer," Portuguese version published by Cosac Naify, SP, Brasil in 2007 and English (original version) by Aperture, NY, 2005; "Incomplete Work," published by the National Library Foundation, Brazil, 2004; "Vik Muniz, Natura Pictrix: Essays and Interviews on Photography," published by Edgewise Press (NY, Turin, Paris), 2004.

His work is included in the collections of major international museums such as: the Art Institute of Chicago, Los Angeles Museum of Contemporary Art, The J. Paul Getty Museum, the Metropolitan Museum of Art, the Museum of Modern Art (New York), Museu de Arte Moderna de São Paulo, and Victoria and Albert Museum in London, among others. Besides making art, Vik is involved in social projects that use art making as a force for change. One of these projects can be seen in "Waste Land," a 2010 documentary about his work with Brazilian garbage pickers, which was nominated for the Oscar, won the Sundance Audience Award for Best Film, among other prizes. He has also developed education programs for Brazilian youth in partnership with non-governmental and non profit agencies such as Stimulu and Observatorio de Favelas. In 2011 Vik was nominated Good Will Ambassador by UNESCO.

Vik has also been a guest speaker in major University and Museums such as, Harvard, Yale, the Ted Conference, New York University, the International Center of Photography, the Museum of Modern Art, New York, and the Museum of Modern Art of São Paulo, Museum of Fine Arts in Boston and most recently at MIT in Boston.



galeria

nara roesler

abraham palatnik  
alberto baraya  
alice miceli  
angelo venosa  
antonio dias  
artur lescher  
brígida baltar  
bruno dunley  
cao guimarães  
carlito carvalhosa  
cristina canale  
eduardo coimbra  
hélio oiticica  
isaac julien  
jonathan hernández  
josé patrício  
julio le parc  
karin lambrecht  
laura vinci  
lucia koch  
luzia simons  
marcelo silveira  
marco maggi  
marcos chaves  
melanie smith  
milton machado  
o grivo  
oscar oiwa  
paul ramirez jonas  
paulo bruscky  
raul mourão  
rodolpho parigi  
sérgio sister  
tomie ohtake  
vik muniz

## Galeria Nara Roesler

Art Basel Hong Kong  
Art Galleries Sector booth 3c31

### contato / contact

alexandre@nararoesler.com.br  
daniel@nararoesler.com.br  
fabiola@nararoesler.com.br  
t. +55 11 97188 0510

### localização / location

Halls 1 and 3,  
Hong Kong Convention Exhibition Centre  
1 Expo Drive, Wanchai, Hong Kong  
[www.hkcec.com](http://www.hkcec.com)

### datas e horários / opening hours

#### private view

22 maio / may > 12 - 5 pm

#### preview

22 maio / may > 5 - 9 pm

### aberto ao público / regular hours

23 - 26 maio / may  
quinta / thurs > sexta / friday > 12 - 7 pm  
sábado / saturday > 11 - 7 pm  
domingo / sunday > 11 - 5 pm